



**FAMÍLIAS ACOLHEDORAS
NO ECA**

Julho/2018

FAMÍLIA ACOLHEDORA NO ECA

O **acolhimento familiar** foi incluído no ECA pela Lei 12.010, em 2009, como uma **modalidade de serviço prioritária ao acolhimento institucional**, que organiza o cuidado de crianças e adolescentes afastados de suas famílias por determinação judicial em residências de famílias acolhedoras, sendo estas previamente selecionadas e capacitadas para exercerem esse papel.

Art. 34.

§ 1. A inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida, nos termos desta Lei.





Em 2009, foram publicados dois importantes documentos que oferecem parâmetros e diretrizes para organização deste serviço de acolhimento:

“Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes”
“Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais”



Em 2015, inspirado por ideais de melhorias no atendimento à primeira infância e pelas experiências já desenvolvidas no Brasil, e respaldado por diversos referenciais teóricos, o Instituto Fazendo História optou pela implementação de um serviço de acolhimento que rompe com uma cultura de institucionalização e pela construção de uma nova história de acolhimento para crianças entre 0 e 3 anos: o Famílias Acolhedoras.



Desde maio de 2016, acolhemos 23 crianças e formamos 16 famílias acolhedoras. Nesse momento, escolhemos compartilhar histórias reais, possíveis e inspiradoras **a partir do olhar e da fala daqueles que estão construindo essa história conosco.**



Essas experiências revelam os nossos princípios, desafios e conquistas. Esperamos que possam ser esclarecedoras sobre o acolhimento familiar e sirvam como parâmetros e diretrizes vivas na construção de novas práticas.

“E SE EU ME APEGAR?”



"No acolhimento, o apego da criança por nós e vice-versa foi fundamental para **garantir segurança e tranquilidade** emocional a ela.

Construímos uma base emocional sólida, que dá lastro para a criança fazer a transição e a despedida com mais confiança em si mesma e nas pessoas.

Ela sabe que não é abandono. Ela sabe que é amor autêntico. Tudo que se constrói sobre uma base de amor, fortalece e garante relações futuras saudáveis com maior potencial de desenvolvimento."

(Anete - família acolhedora)

● ● ●
“Eu sofri. Mais do que eu imaginava. Mas foram 2 semanas de sofrimento e 5 meses que pudemos curtir com ele. **Valeu muito a pena!**”

(Gustavo 11 anos – família acolhedora)



“E SE EU ME APEGAR?”



“Uma das coisas que as pessoas mais nos perguntam é: E se você se apegar à criança? E a resposta não pode ser mais clara: **É óbvio que iremos nos apegar**, é por isso que ela está vindo para nossa casa, para ser amada, protegida, estimulada... Esse apego é de fundamental importância para que a criança possa se sentir segura para se desenvolver. Para mim, esse amor é um dos mais puros e sinceros que podemos sentir. Quando chega o momento do desacolhimento, conseguimos perceber o quão forte e segura a criança se tornou e temos a sensação de dever cumprido.”

(Sérgio - família acolhedora)



TRANSIÇÃO SEM RUPTURAS



“No desligamento da criança (seja no retorno para sua família de origem ou na aproximação com a família adotiva) nos preocupamos em construir uma transição bem cuidada, de tal modo que ela possa viver uma despedida com sua família acolhedora e levar com ela uma marca bonita de uma experiência de cuidado.

Separação não é ruptura!

Temos grande preocupação ainda, em garantir que a vinda para o serviço de acolhimento não seja um momento de ruptura e que tenha também espaço para despedidas, choros e entendimentos. Quando a família da criança está presente, podemos fazer um “acolhimento” de fato, um acolhimento de todos. E acolhendo as dúvidas, os medos e as raivas, a chegada também pode ser uma transição bem cuidada.”

**(Roberta Vialli de Almeida
coordenadora do Famílias Acolhedoras)**



TRANSIÇÃO SEM RUPTURAS



“Eu não sei como seria levar o meu filho para casa sem conhecer ele direito. Esse tempo de **aproximação** foi importante para ele ficar seguro, mas para mim e meu marido também.”

(Rosiane e Edgar – família adotiva)



“As crianças vão para família adotiva de forma mais segura. Eu achava que esses casos seriam mais difíceis, mas percebo que o vínculo com a família acolhedora traz **confiança** na construção desse novo vínculo.”

(Eliana Kawata – Chefe do Setor de Psicologia da Vara Central da Infância e Juventude de São Paulo)

TRANSIÇÃO SEM RUPTURAS



"Saber que nossa filha estava em uma família foi nosso melhor presente. Na aproximação trocamos sentimentos e muitas informações. Nos encontramos muitas vezes e em cada despedida ela pulava de colo em colo. Então entendemos como ela se sente amada. No encerramento desse processo o sentimento é de gratidão! Para sempre!"

(Camila - mãe adotiva)



"Ver a criança fazer a aproximação com sua família adotiva, de uma forma tranquila, e ir percebendo como vai se apegando a seus pais nos dá uma felicidade incrível. Faz tudo valer a pena. "

(Sérgio - família acolhedora)



PREPARAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DAS FAMÍLIAS ACOLHEDORAS



“O processo de formação é fundamental! Resignificamos várias experiências vividas de maneira que me sinto muito mais “aberta”, disponível e com um olhar mais cuidadoso sobre o outro. A discussão de temas tão presentes no nosso cotidiano faz com que essa reflexão e aprendizado reverbere fortemente em nosso dia a dia!”

(Lie – família acolhedora recém inscrita no Serviço)



“Nas reuniões de formação, em algumas dinâmicas, dei respostas que tinha certeza que eram as únicas possíveis. Hoje, grande aprendizado, vejo o quanto era tola e limitada minha visão.

Importantíssimo, imprescindível é abrir os horizontes, a alma para as pessoas e suas histórias exclusivas, suas vidas com suas alegrias e dores. Feito isso, é só expansão. Outra dimensão. Outro patamar. É ver almas, corações, humanos. Sem julgamentos.”

(Lumena – família acolhedora)

PREPARAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DAS FAMÍLIAS ACOLHEDORAS



“Seria muito difícil realizar o trabalho sem o espaço de supervisão. A supervisão em grupo é extremamente rica pela troca de experiências. É um espaço onde as dificuldades são discutidas e trabalhadas com respeito e acolhimento e as conquistas são comemoradas por todo o grupo.



Muitas vezes consigo escutar a minha voz na voz de outra pessoa do grupo e isso me ajuda a superar minhas dificuldades e melhorar meu papel como família acolhedora. A supervisão individual é valiosíssima. O olhar profissional e ao mesmo tempo cuidadoso traz segurança e melhora pontos que às vezes não conseguimos enxergar por estarmos mergulhados nos cuidados com a criança.”

(Marcia – família acolhedora)

UM LUGAR QUE SE CONSTRÓI



“Quando conheci o Famílias Acolhedoras me pareceu possível prestar esse serviço. A vaga noção inicial que eu tinha foi realmente reconstruída e eu me revesti de coragem e sobre tudo, de uma nova consciência social. Entendi que esse trabalho pode gerar uma sociedade mais justa, garantindo direitos à famílias que por muitas vezes são vítimas de um sistema que vem falhando há tempos. Ser família acolhedora é a parte que me cabe como cidadã!”

(Viviane – família acolhedora recém inscrita no Serviço)

“Essas crianças não são nossas, nunca foram, nunca serão. Estamos prestando um serviço, é um papel social.”

(Lumena - família acolhedora)

“O acolhimento é tipo um jogo de videogame, ele só vai mudar de fase. Primeiro o bebê vem pra essa fase, depois ele vai para outra fase.”

(Rafael 13 anos – família acolhedora)



UM LUGAR QUE SE CONSTRÓI



“Nossas filhas aprenderam a amar sem limites e também aprenderam a desapegar quando chegou o momento de dizer adeus. Nós pensamos que é uma maneira incrível de aprender as emoções – amor, felicidade, tristeza, saudade.”

(Jaime e Timothy – família acolhedora)



"Acolher uma criança é uma forma de amor indescritível. Não sabemos nem se a criança conhecerá nossa existência no futuro. Mas colocamos nosso coração e nossa alma para que aquele pequeno ser esteja e fique bem."

(Camila - família acolhedora)

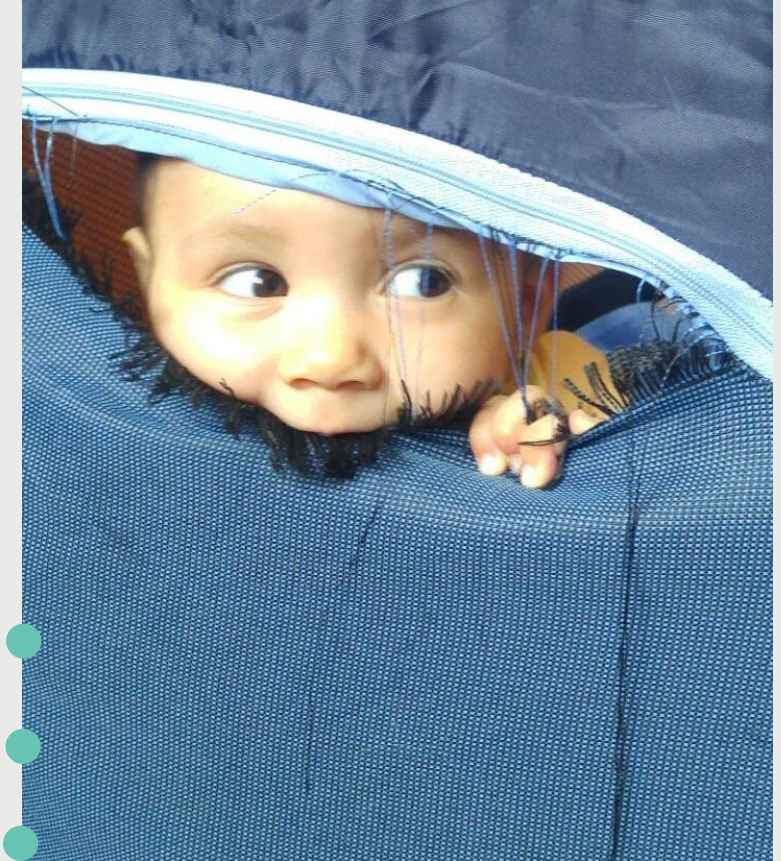
"A gente se dá por inteiro, dá tudo, mas não dá o que a criança mais precisa: alguém que a chame de filha. Esse alguém não somos nós, só estamos cobrindo um lugar vazio. E isso é o que dá motivação e alegria de entregar a criança para família dela."

(Marco - família acolhedora)

O TRABALHO COM FAMÍLIAS

“O contato com circunstâncias antes distantes da nossa realidade nos ajudou a abrir os olhos e ver a grande desigualdade que existe. Mudamos a qualidade do diálogo com nossos familiares e amigos, que se enriqueceu pela inclusão de temas ligados à famílias e crianças em situação de risco.”

(Alberto – família acolhedora)



“O cuidado com a família é a marca desse trabalho. Ele é uma estratégia metodológica. Quando a equipe cuida das famílias acolhedoras garante que estas cuidem das crianças. Quando cuidam das famílias de origem e extensas trabalham para que haja o rompimento de ciclos marcados pela falta de cuidado. Este é único caminho possível.”

(Eliana Kawata – Chefe do Setor de Psicologia da Vara Central da Infância e Juventude)

O TRABALHO COM FAMÍLIAS

“Ao participar deste Programa, tivemos a possibilidade de ampliar nosso olhar em relação às famílias de origem mirando, não mais para sua fragilidade, mas sim para o seu potencial escondido. Nos fez perceber que um olhar diferenciado pode mudar o futuro ao redor.”

(Fabiana – família acolhedora)

"Eu e meu irmão temos o mesmo histórico familiar: infância sofrida, ausência dos pais, moramos em abrigo até atingir a maioridade. Cada um de nós seguiu rumos diferentes e depois de alguns anos descobri a existência de um sobrinho. Ele estava acolhido em uma família acolhedora, mas precisava de um lar, precisava do seu lar, da sua família. Eu decidi mudar a minha vida e meu histórico familiar: trouxe meu sobrinho para casa. Estou muito feliz com essa decisão e cada dia que passa nossos laços só aumentam. Sim, é uma jornada infinita: trabalho, casa, escola, entre outras, mas com ele me sinto motivada para ser melhor a cada dia."

(Camila - tia paterna)



HISTÓRIAS DE VIDA



“Quando a gente acolhe uma criança acolhe também a sua história, torcemos por sua família de origem, para que os encaminhamentos e acompanhamentos feitos pela equipe do serviço apoiem e orientem os envolvidos no processo a retomarem seus papéis na sociedade como pais e cidadãos. Testemunhar e fazer parte deste trabalho mudou minha vida para melhor.”

(Marcia – família acolhedora)



“Após o curto período de 1 mês e 22 dias de acolhimento, Felipe volta para casa sob a guarda da mãe. Um período curto de muito cuidado, em que a sua história é preservada e valorizada, assim como o vínculo com a sua família. Quando retorna para casa Felipe de imediato abre o seu álbum para mostrar o registro das experiências vividas e com o dedinho indica quem é sua família acolhedora. Mãe e filho olham as páginas e conversam sobre o acolhimento e a volta para casa, porque isso também faz parte da sua história de vida.”

(Roberta Vialli de Almeida – coordenadora do Famílias Acolhedoras)

HISTÓRIAS DE VIDA



Dizem que para mudar o mundo, só precisamos mudar a vida de uma pessoa. Acreditamos que o acolhimento familiar tem esse poder de transformação!”
(Fernanda e Renato – família acolhedora)

Um dos momentos mais marcantes em todo nosso processo de adoção foi receber o álbum do meu filho, **aceitar e entender que a história dele também seria a nossa história.** Quando nós lhe apresentamos o nosso álbum, ele imediatamente se apoderou dessa família! Foi assim que surgiu uma nova história, um novo álbum, uma nova família!
(Sybele - mãe adotiva)

"O trabalho com História de Vida nos faz lembrar o quem nós somos."
(Vera - família acolhedora)



QUEM GANHA MAIS?



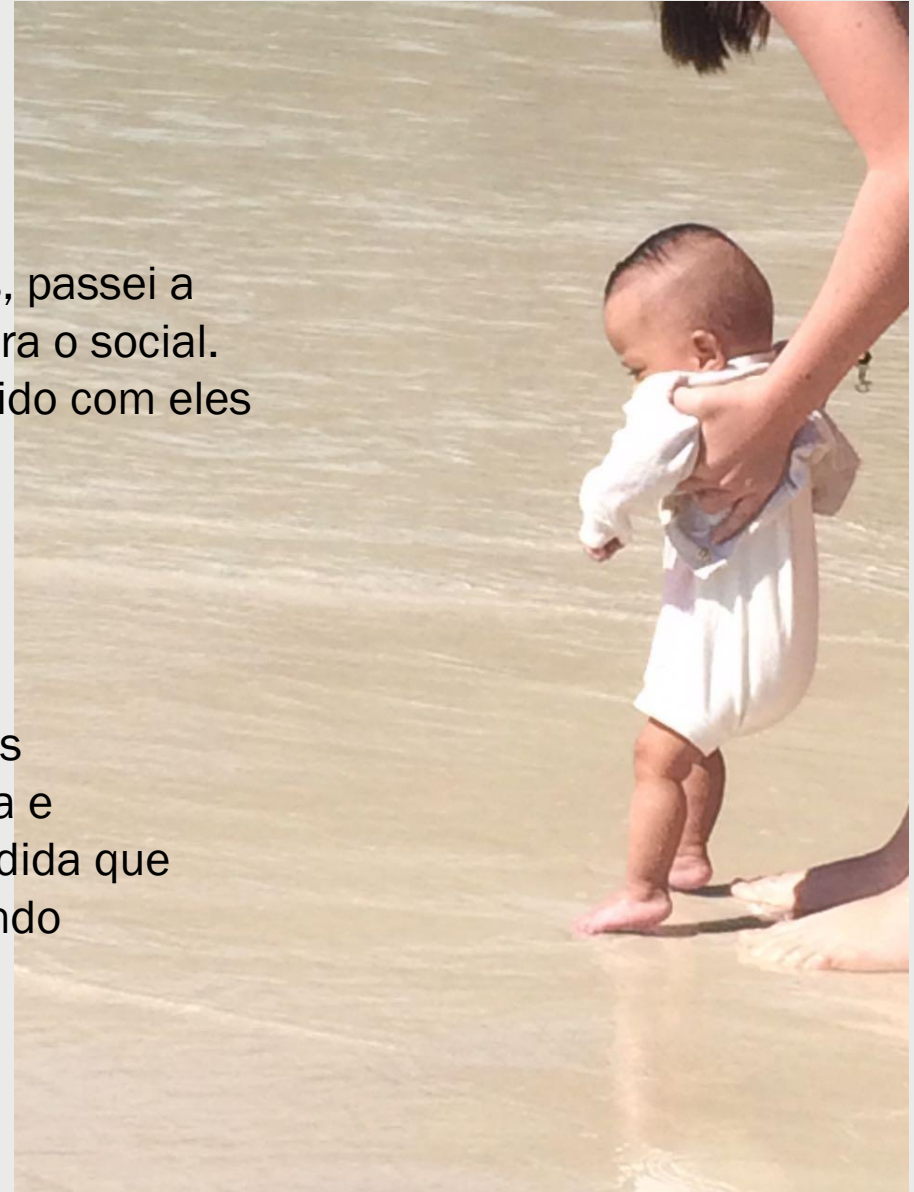
“Eu me sinto mais humano em vários sentidos, passei a chorar mais, passei a dar mais importância para o social. Os problemas passam a ser irrelevantes e eu lido com eles de forma mais leve.”

(Ronaldo - família acolhedora)



“Nós estamos gestando uma comunidade mais solidária e generosa, uma sociedade que cuida e protege a sua cria. Isso acontece porque a medida que vamos cuidando das crianças, vamos envolvendo nossa comunidade nesse cuidado.”

(Vera – família acolhedora)



QUEM GANHA MAIS?



“Meus dois filhos amaram a experiência de participar do Famílias Acolhedoras. Eles ajudaram nos cuidados do dia a dia, aprenderam e amadureceram por causa disso. Nós amamos e fomos amados, e depois dessa experiência minha família nunca mais será a mesma. Estamos ansiosos para o próximo acolhimento.”
(Viviane – família acolhedora)



“Essa criança não sabe, e talvez nunca saiba, que a cada sorriso reconhecendo nossa voz, a cada nova descoberta e a cada demonstração de que eles estão confiantes e seguros entendemos o que faz sentido.”
(Camila - família acolhedora)

HISTÓRIAS QUE INSPIRAM



“Pedro chegou miúdo com seus quase dois meses de vida e pouco chorou. Choro de menos. Apatia. Desconforto e até receio do banho. Não reclamava nem de fome. Esperava sua hora... E fomos nos conhecendo. E ele foi se apropriando do seu direito de ter fome, sede, frio, calor, dor, medo, prazer, alegria. E colo, muito colo. Uma semana depois sorria quando o Ro cantava para ele. E foi gostando: da música, do banho, do colo, das brincadeiras, do sino de vento, da cachorra, da jabuticaba... E o sorriso uma vez libertado não o abandonou mais. Sorriso de mostrar o céu da boca. E vinha da alma atingindo e cativando todos ao seu alcance.

E as personagens de sua história foram chegando e circulando à sua volta: mãe, pai, avó, avô, tia, amigos, técnicas, conhecidos de uns e outros. E todos igualmente cativados pela sua doçura nascida de simples afeto. Nutrição gratuita que faltava para o desabrochar do humano Pedro. Encantador menininho.

A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original" (Albert Einstein)

Lu, Ro, Gigi e Mari somos uma Família Acolhedora. Teoricamente acolhemos bebês afastados de suas mães para que tenham vivência em família enquanto se esclarece a situação; isto é, damos amor, carinho, atenção, colo, mamadeiras, fraldas, banhos, papinhas... Damos?!? Recebemos! Recebemos puro amor! Como a mente, aqui é a alma que se expande, o olhar que se abre para o outro, para tantas histórias interligadas, sem espaço para julgamentos, com muita emoção e até torcida. Aprendizado, empatia, risadas, lágrimas, chegadas e partidas. E o coração, agora expandido, carrega também Pedro.”

(Lumena – família acolhedora)



HISTÓRIAS QUE INSPIRAM



“Alice chegou assustada e demonstrava isso no choro durante o banho, nos movimentos de seu corpinho mostrando desconforto, nos olhos alertas, no sono entrecortado. Por outro lado, sempre teve muita vontade viver, seja pela forma afoita e gulosa como mama ou pelo choro alto demonstrando força para dizer a que veio. **Aos poucos começou a se conectar a nossa voz quando conversamos com ela. Já não fica mais assustada quando a pegamos no colo e gosta bastante do toque de nossas mãos em seu rostinho tão bem felto.** Ela ama ficar no colo e se acalma com o calor do nosso corpo. O vínculo entre nós já está selado e vai se fortalecendo no dia a dia, nos cuidados que temos dedicado a ela e no amor e bem-querer que sentimos.”

(Márcia e Alberto – família acolhedora)



HISTÓRIAS QUE INSPIRAM



“Eu sou tia mãe de uma pequena muito especial. **Sou tia porque ela é filha da minha irmã, que infelizmente hoje não tem condições de cuidar dela.** Essa pequena foi muito desejada e muito amada por sua mãe. E vendo todo o amor da minha irmã pela filha, meu coração também se encheu de amor por ela. Sou mãe porque decidi ajudar minha irmã e hoje sou eu quem cuida de sua filha. Assumi sua guarda e ela convive com a avó, os irmãos mais velhos, os tios e com toda a família. E de vez em quando visitamos sua mãe, que mora em outra cidade. Ela sabe a história dela e mesmo tão pequena, já entende esse lugarzinho que ocupa na minha vida. Isso é vínculo familiar!”

(Daniela – tia materna)

NOSSA GRANDE FAMÍLIA...



instituto
fazendo história

